

Trabalho Temporário, Fronteiras e Mobilidade: relatos da experiência de trabalhadores australianos e neozelandeses no Okemo

Guilherme Mansur Dias¹

RESUMO:

Neste artigo, desenvolvo uma reflexão sobre o significado da experiência de trabalho temporário entre jovens australianos e neozelandeses no *Okemo Mountain Resort*, um complexo turístico localizado no estado de Vermont (EUA). Com esse intuito, discuto algumas das representações e sentidos associados ao deslocamento internacional desses trabalhadores na globalização contemporânea, com especial ênfase a seus discursos e imaginários de “mobilidade”, “fronteira”, “trabalho”, “viagem” e “juventude”. Igual atenção é dedicada à análise das políticas do Estado norte-americano direcionadas à captação desses trabalhadores temporários e às implicações de sua adoção em um contexto dúbio de maior “liberalidade” para a contratação de estrangeiros e maior “controle” da circulação dos mesmos através das fronteiras do país. Mostro como as motivações da inserção desses jovens no mercado de trabalho norte-americano relacionam-se, dentre outras coisas, a um determinado estereótipo de juventude que os orienta e a imagens de mobilidade associadas ao mesmo. Além de descrever algumas contradições relativas a suas projeções e vivências reais no dia a dia de trabalho do Resort, procuro apontar os diferentes discursos que balizam sua experiência no Okemo, bem como as estratégias de incorporação dos significados mais abrangentes de sua estada nos EUA pelo empregador. Nesse sentido, sugiro algumas articulações entre concepções de “trabalho temporário”, “fronteira” e “mobilidade”, mostrando como as mesmas ganham suporte e sentido na realidade de sujeitos concretos, ajudando a modelar e definir suas ações e imaginários.

Palavras-chave: I- Deslocamentos Internacionais; II- Programas de Trabalho Temporário (“Guestworker Programs”); III- Estados Unidos – Migração; IV- Juventude; V- Trabalho.

¹ Aluno de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas.

Introdução

O presente artigo insere-se nas discussões sobre “trabalho”, “circulação internacional”, “fronteiras” e “identidades”, a partir da apresentação de um estudo de caso que tematiza o significado da migração sazonal de trabalhadores temporários australianos e neozelandeses para o Okemo, um complexo turístico localizado em Vermont (EUA). Nesse sentido, procuro descrever algumas das representações e práticas desses sujeitos diante de sua experiência de deslocamento e trabalho, bem como a articulação das mesmas aos discursos e políticas do Estado norte-americano direcionadas à captação de trabalhadores estrangeiros. Isso será feito através do desenvolvimento de uma perspectiva etnográfica que se atém sobre as experiências dos trabalhadores no Resort, buscando compreendê-las como inter-relacionadas às práticas e representações do empregador, do Estado e da sociedade norte-americana diante dos vínculos temporários que contraem nos Estados Unidos.

O interesse por tal temática adveio em decorrência de minha participação como trabalhador temporário no Okemo na temporada 2005/2006. Contratado através de um “Guestworker Program”² oficial do estado norte americano, atuei como trabalhador estrangeiro no Resort e conduzi simultaneamente uma pesquisa etnográfica que buscou compreender o significado da migração sazonal de trabalhadores estrangeiros de diferentes nacionalidades para o complexo turístico. A proposta de pesquisa, por sua vez, baseou-se em uma literatura antropológica que problematiza as diversas formas de deslocamento internacional no mundo contemporâneo através não de uma simples celebração dos hibridismos, misturas e mobilidades existentes, mas da proposição de estudos histórico-etnográficos capazes de explicitar as relações de poder e desigualdades produzidas por tais deslocamentos.

No embasamento de tal perspectiva, apóio-me particularmente nos trabalhos desenvolvidos no âmbito da linha de pesquisa Nação e Diáspora (CEMI/UNICAMP) do projeto “Identidades: Reconfigurações de Cultura e Política”³, bem como nas propostas e

² A princípio, a tradução literal de “Guestworker Programs” seria “Programas para Trabalhadores Convidados”. Acredito, no entanto, ser mais apropriado pensar em “Programas para Trabalhadores Temporários”, o que, de certa forma, desloca o significado “positivo” conferido a esse tipo de relação de trabalho. No decorrer do artigo, também farei uso da terminologia em língua inglesa.

³ Cf., por exemplo, Caetano da Silva, 2003; Feldman-Bianco, 2001(a), 2001(b), 2002; Machado, 1997, 2003; Mansur da Silva, 2000; Sanjurjo, 2007; Santos, 2002.

idéias contidas na revista *Identities – Global Studies in Culture and Power*⁴. Esse tipo de referencial teórico e analítico possibilita tratar os processos de deslocamento e mobilidade de pessoas, signos e capitais característicos da globalização contemporânea de maneira heterogênea e multiforme, buscando apreender e descrever algumas de suas complexidades e variações a partir de estudos de caso detalhados. A proposta do texto é, pois, a de se ater sobre a realidade etnográfica do Okemo, discutindo o significado da migração sazonal desse grupo de trabalhadores estrangeiros nos Estados Unidos.

Breve Histórico do Okemo e de seu Relacionamento com alguns “Guestworker Programs” do Estado Norte-Americano

O *Okemo Mountain Resort*, localizado na cidade de Ludlow, Vermont, foi criado em 1955⁵. A criação do Resort neste ano coincide com o desenvolvimento da indústria de esqui em todo o país a partir de meados do século XX e com um ideário de desenvolvimento local gerado pela implantação de atividades econômicas relacionadas ao turismo. Tendo, nesse sentido, começado como um negócio de abrangência local, o Okemo foi ganhando projeção ao longo das últimas décadas, o que aconteceu em função tanto da ampliação das atividades relacionadas ao turismo de inverno nos Estados Unidos quanto da associação do estado de Vermont à prática do esqui e do “snowboarding”.

No início dos anos 80, o Resort foi comprado por um jovem casal de investidores e passou a receber investimentos mais significativos por parte dos novos empreendedores. Além do investimento nas instalações do hotel e nas pistas de esqui, o casal Muller⁶ apostou em um modelo de Resort que estava sendo desenvolvido no oeste e que creditava seu crescimento ao “real state development”⁷. A iniciativa obteve bastante êxito e os lucros

⁴ Cf., por exemplo, “Mobilities and Enclosures at Borders” in *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol.11, n°3, 2004.

⁵ As afirmações sobre a história do Okemo feitas no texto são fruto de entrevistas com moradores locais e da incursão no pequeno acervo da biblioteca municipal de Ludlow.

⁶ O casal Tim e Diane Mueller são os atuais proprietários e investidores do Okemo Mountain Resort.

⁷ Conforme relatou Richard, um morador de Ludlow com quem travei contato durante a pesquisa de campo, o “real state development” nas regiões de esqui refere-se ao planejamento de condomínios de luxo que são construídos ao longo das pistas e nas terras que circunscrevem o Resort e vendidos aos endinheirados turistas que residem majoritariamente em grandes cidades e que vêm para o complexo passar parte de suas férias ou os fins de semana. A atividade mais lucrativa do Okemo até hoje corresponde, segundo ele, à construção e venda de casas de inverno desse tipo.

do Okemo começaram a se multiplicar, assim como também se multiplicaram os fluxos de esquiadores e turistas para a região. A cidade de Ludlow, que antes tinha o turismo como uma atividade econômica secundária, reestruturou-se e o Resort passou a atrair uma mão-de-obra de “baixa qualificação” da própria Ludlow e das cidades circunvizinhas, encarregada dos serviços temporários inerentes ao funcionamento do complexo.

Este processo de ampliação do Okemo, por sua vez, coincidiu com um contexto de crescimento da precarização das relações de trabalho no mercado norte-americano e com a conseqüente ampliação dos empregos e vínculos temporários e sazonais nos mais diferentes ramos da economia do país. De acordo com o argumento de alguns especialistas, a geração de empregos e serviços temporários e precários tem sido uma tendência genérica em distintas atividades econômicas nos Estados Unidos.⁸

No bojo deste contexto mais amplo de precarização das relações laborais nos Estados Unidos, a utilização de “Guestworker Programs” ou Programas oficiais de contratação de Trabalhadores Temporários Estrangeiros pelo Estado tem sido (re)considerada⁹ e (re)avaliada por diferentes setores da sociedade norte-americana. Tais (re)considerações e (re)avaliações, por seu turno, passam por discursos próprios de diferentes esferas do Estado e da sociedade americana e vinculam-se a representações específicas diante do papel dos trabalhadores estrangeiros e imigrantes no país.

Nesse sentido, uma tendência que ancora a explicação de alguns autores acerca da idéia de “retomada” desse tipo de Programa para Trabalhadores Estrangeiros nos países receptores de imigrantes, e nos EUA em particular, relaciona-se à concepção de “controle” dos estrangeiros e do tratamento das fronteiras a partir de uma perspectiva de segurança

⁸ Conferir, por exemplo, Griffith, 2006; Calavita, 1994; Fantasia, 2003. A descrição de Kitty Calavita (1994: 64) é bastante elucidativa a esse respeito. A autora constata que *“in 1982, approximately one-quarter of new jobs were for part-time or temporary work; a decade later, half of all jobs filled were for such “contingent” work (Kiborn 1993: A1). The Bureau of Labor Statistics reported that 90 percent of all new jobs in February 1993 were part-time”* (CALAVITA, 1994: 64). Para mais dados e discussões acerca da atual difusão dos vínculos empregatícios temporários e precários nos Estados Unidos e em países da Europa, conferir também O. Bergstrom & D. Storrie (2003).

⁹ Uso os termos (re)consideração e (re)avaliação ao longo do texto justamente pelo fato da utilização de “Guestworker Programs” não ser novidade nos EUA nem na Europa. (cf., por exemplo, BRIGGS, 2004; CASTLES, 1986, 2006; MARTIN, 2001). Estes programas foram bastante importantes para a manutenção da vitalidade econômica do pós-guerra e constituíram, em alguns países (cf. RUHS, 2001a, por exemplo, para o caso da Alemanha), a principal forma de provimento de mão-de-obra estrangeira para diferentes atividades econômicas. Também é válido lembrar que apesar dos grandes Programas de Trabalho Temporário, como o Bracero nos EUA, terem sido extintos a partir do pós-guerra, a utilização de “Guestworker Programs” nos Estados Unidos e em alguns países da Europa continuou recorrente através de programas menores e direcionados a atividades econômicas específicas (cf. RUHS, 2002).

nacional, o que é reforçado em decorrência do contexto pós 11 de setembro¹⁰. A proposição de novos “Guestworker Programs” para os Estados Unidos surge como decorrência de um argumento de “seletividade” da fronteira e como panacéia para o “problema” que representa a imigração indocumentada para diferentes setores da sociedade norte-americana. As recentes (re)considerações dos Programas para Trabalhadores Temporários Estrangeiros nos Estados Unidos devem, assim, ser compreendidas através desse prisma de interferência mais direta do Estado no sentido de melhor controlar suas fronteiras e de proporcionar uma “maior segurança” aos cidadãos do país.

Apesar da atual (re)consideração dos “Guestowker Programs” nos EUA não escapar, portanto, a uma ocorrência simultânea de aumento da precarização das relações de trabalho no país e da idéia de “necessidade” de aprimoramento do controle de suas fronteiras, outros argumentos vêm sendo acionados para justificar e promover esse tipo de política responsável por institucionalizar a natureza temporária e flexível do trabalho imigrante. Um argumento especialmente relevante nesse sentido tende a enfatizar a (re)consideração dos Programas de Trabalho Temporário na legislação imigratória norte-americana a partir de uma matriz competitiva, que prima por uma melhor inserção da economia dos EUA no cenário internacional. A esse respeito, Philip Martin argumenta que:

“(...) in the 1990s, there was a new wave of guest worker programs, and they differed from earlier programs justifying migrant admissions on the basis of labor shortages as well as globalization, foreign policy and other reasons. The globalization argument was heard frequently in US debates over expansion of programs that admit foreign professionals, and it runs like this: the US has five percent of the world’s population, but a far higher percentage of the world’s cutting-edge industries, and thus US employers need easy access to the best and brightest from around the world to stay competitive globally” (MARTIN, 2003: 8).

¹⁰ Nesse sentido, a argumentação de Stephen Castles (2006), por exemplo, é bastante ilustrativa: “In recent years there has been a tendency to advocate a return to TMWPs (Temporary Migration Worker Programs) in democratic receiving countries. One reason is the perceived demand for migrant workers due to the economic and demographic factors (...) A second reason is the realization that border control alone will not fully prevent labor migration, but instead drives it underground. A third reason is the post-September 11, 2001, belief that undocumented migration is a security problem. If migration is going to take place anyway, politicians now think it better to control entrants to ensure that they do not pose a security threat” (CASTLES, 2006: 747).

De fato, a (re)consideração dos “Guestworker Programs” nos EUA nas duas últimas décadas parece também articulada a essa espécie de “diretriz competitiva do Estado” diante da globalização e à ênfase no aumento da competitividade norte-americana no cenário internacional. Tal argumento, por sua vez, vem comumente associado à demanda por uma maior liberalidade do ponto de vista das relações de trabalho (via flexibilização), o que se confunde com o contexto mais abrangente de aumento da precarização das relações de trabalho atualmente em curso no país.

Compartilhando deste contexto da sociedade norte-americana, o Okemo começou, no ano de 1999, a fazer uso de dois “Guestworker Programs” oficiais dos EUA para a captação de mão-de-obra estrangeira: o Programa de Vistos H-2B e o Programa J-1 para “holiday workers”¹¹. A utilização pelo Okemo do recrutamento de estrangeiros através destes programas começou de maneira tímida e foi sendo ampliado ao longo dos últimos nove anos. Em certa medida, a adesão desses “Guestworker Programs” pelo complexo representa a efetivação dos discursos e argumentos anteriormente elencados e está intrinsecamente relacionada ao contexto de amplo incentivo à contratação de mão-de-obra temporária estrangeira no país. O Okemo contrata hoje, através destes programas, trabalhadores de diferentes países para atuar em suas posições sazonais, o que ocorre através de vistos que proporcionam, em maior ou menor intensidade, um controle, por parte do Estado e do empregador, das atitudes e mobilidades dos estrangeiros recrutados.

No caso do Resort, cada Programa de Visto (J-1; H-2B) relaciona-se a fluxos de pessoas oriundas de países diferentes e dependentes de um histórico particular de contatos da equipe de recursos humanos com recrutadores e empresas/agentes intermediários de contratação sediados nos países de onde elas saem. Assim, o crescimento do Okemo, em

¹¹ O Programa de Vistos H-2B é fruto da extensão legislativa do “H-2 Program”, um antigo programa de trabalho temporário para trabalhadores agrícolas que vigora nos Estados Unidos desde o *Immigration and Nationality Act* de 1952. O visto H-2B é emitido pelo Departamento de Imigração norte-americano e conta com uma certificação do Departamento de Trabalho (*U.S. Department of Labor*) no sentido de comprovar a inexistência de mão-de-obra local para o preenchimento das vagas por estrangeiros. O Programa de Vistos J-1, por sua vez, apesar de ser direcionado a “exchange visitors”, permite a contratação de universitários – “holiday workers” – para o desempenho de atividades de “baixo prestígio” no país. Este visto foi implementado em 1961, através do *Fullbright-Hays Act*, com o intuito de promover o intercâmbio educacional e cultural entre os Estados Unidos e os demais países do globo. Emitido pelo Departamento de Estado norte-americano, uma das concessões desse visto é feita justamente para “Work and Travel Programs”, Programas de Trabalho Temporário destinados a atrair jovens universitários residentes de diferentes países para serem empregados em posições de “baixa qualificação” demandadas por empregadores do país. É válido mencionar que ambos os programas de visto têm passado, e no caso do Okemo isto fica evidente, por uma (re)semantização quanto a suas orientações e sentidos iniciais.

conjunção com o atual contexto mencionado, desembocou no recrutamento desses trabalhadores estrangeiros, ao mesmo tempo em que passou a se basear na exploração do trabalho dessas pessoas e na utilização de seu esforço e energia para um melhor funcionamento do complexo turístico. Isso também se deu pelo fato do tipo de vínculo contraído ser extremamente conveniente para o empregador. No caso, o Okemo tem muito poucas despesas com o processo burocrático de recrutamento desses sujeitos. À exceção do próprio salário e de uma taxa paga ao Departamento de Imigração por cada estrangeiro contratado através do visto H-2B, o complexo não tem obrigação – e, de fato, não o faz – de oferecer nenhum benefício adicional a seus empregados internacionais, o que soa bastante conveniente para seus propósitos de acumulação.

Ademais, o relacionamento com esses Programas de Trabalho Temporário por parte do complexo acabou gerando uma segmentação étnica das posições de trabalho do hotel, sendo as mesmas distribuídas em função tanto de estereótipos específicos da equipe de recursos humanos com relação aos fluxos de estrangeiros contratados quanto das demandas desses próprios sujeitos diante daquele vínculo laboral. Isso se traduz, na organização das posições de trabalho de Okemo, em três fluxos principais de trabalhadores estrangeiros contratados sazonalmente. O primeiro deles trata-se de um grupo de jovens de origem sul americana contratados através do visto J-1 e de empresas intermediárias localizadas em seus países e nos Estados Unidos. Eles ocupavam, no Resort, posições de trabalho relacionadas aos restaurantes, lanchonetes e creches. O segundo grupo, formado por “trabalhadores australianos e neo-zelandeses”, corresponde a um contingente de jovens recrutados através do Programa de Visto H-2B por representantes do Okemo que vão diretamente em Resorts de esqui destes países para convencê-los a trabalhar por uma temporada no complexo. No Okemo, esse grupo era responsável por atuar em posições externas diretamente relacionadas aos esportes de inverno. Finalmente, havia um grupo formado por “trabalhadores jamaicanos”. Contratados por intermédio de um agente em seu país e também através do visto H-2B, eles eram, no complexo, responsáveis pelo preenchimento de funções relacionadas à limpeza e à alimentação.

Durante a pesquisa de campo, foi possível perceber que a construção das diferenças entre esses grupos era constante e feita, em consonância e a despeito de suas vontades, por empregador, Estado, recrutadores e por eles próprios. Tais diferenças diziam respeito,

sobretudo, à sua origem nacional e de classe, ao tipo de visto que portavam, à forma como eram recrutados, às posições de trabalho e moradia que ocupavam no complexo e, principalmente, às representações criadas em torno de sua experiência no exterior¹². Neste artigo, apresentarei as representações e práticas do grupo de trabalhadores australianos e neozelandeses no Okemo. Isso porque entendo que ao destrinchar alguns dos significados mais abrangentes da experiência desses estrangeiros nos EUA, será possível demonstrar algumas articulações entre suas concepções de “juventude”, “trabalho temporário”, “fronteira” e “mobilidade”, bem como o cruzamento das mesmas às representações de empregador e Estado diante de sua experiência de trabalho temporário na “América”.

Estilo de Vida como Representação do Trabalho: a Experiência dos Australianos e Neozelandeses no Okemo

Os trabalhadores australianos e neozelandeses contratados pelo Okemo na temporada 2005/2006 foram parar em Vermont em decorrência de experiências prévias de trabalho em Resorts de esqui localizados na Austrália e na Nova Zelândia. A maioria deles era oriunda de segmentos da classe trabalhadora daqueles países, não tendo formação universitária e se empregando em serviços de “baixa qualificação” antes de começarem a trabalhar para tais Resorts na Oceania¹³. O Okemo, por sua vez, conseguia recrutá-los a partir de um contato estabelecido com esses empregadores da Austrália e da Nova Zelândia, enviando representantes para convencer os jovens trabalhadores a prolongarem a temporada de inverno no país do norte. Assim, a manutenção daqueles jovens nos empregos sazonais relacionados aos esportes de inverno dava-se em função tanto do interesse do Okemo em recrutar trabalhadores estrangeiros para suas posições sazonais quanto de suas representações específicas diante da experiência de trabalho naquele tipo de posição.

Nesse último caso, pode-se dizer que havia uma certa correspondência entre suas concepções de “juventude” e “vida” e as expectativas que os levavam a procurar e a se

¹² Para uma análise comparativa aprofundada dos diferentes fluxos de trabalhadores estrangeiros contratados sazonalmente pelo Okemo, cf. Dias (2007).

¹³ Segundo conversas e entrevistas, várias foram as atividades que esses jovens relataram ter realizado em seus países antes de se inserirem naquele tipo de “profissão” relacionada aos esportes de inverno. Eles haviam trabalhado em escritórios de arquitetura, navios de pesca, vinícolas, empresas de ferragens e material de construção e atividades do setor de serviços relacionadas à hotelaria, como restaurantes, bares e cafés.

perpetuar nos empregos relacionados aos esportes de inverno. Pelo que pude apreender de suas representações, tal inserção laboral era almejada durante um período intermediário de sua juventude e procurava agregar uma vontade de desprendimento de um prévio contexto social, não estando necessariamente atrelada a planos de “carreira” e/ou “futuro” específicos. Para boa parte dos australianos e neozelandeses que estavam no Okemo, a opção para tal “desprendimento” era dada a partir do vínculo empregatício em Resorts de esqui de seus países. Este contato com os “elitizados” esportes de inverno, por sua vez, vinha acompanhado de imagens e estereótipos compartilhados pelos jovens acerca de uma determinada concepção de juventude.

De certa forma, as atividades relacionadas aos esportes de inverno correspondiam, do ponto de vista daqueles sujeitos, a uma espécie de desejo de aventura e evasão, o que significava a adesão por um estilo de vida mais errante – pelo menos durante certo período – e desapegado de um vínculo necessário entre profissão e identidade pessoal. No seu caso, tais projeções e estereótipos aproximavam-se bastante da descrição feita por Desforges (2000) sobre a identidade de jovens ingleses (backpackers) que viajam sozinhos para países do terceiro mundo em busca de experiências tidas como inovadoras e necessárias para concretizar seus “projetos de juventude”:

“Youth is imagined as a period in life when new experiences are important. In later periods of one’s life, according to Jenny and other young tourists’ narratives, commitments to others, in the form of jobs and personal relationships mean that it is impossible to pursue new experiences through mobility. These participants felt that unless they experienced the world in their youth, they would feel a sense of lack later in their lives having missed out on the opportunity to develop a youthful identity for themselves” (DESFORGES, 2000: 937).

A noção de juventude articulada pelos australianos e neozelandeses com quem convivi no Okemo parecia, de fato, incorporar aspectos relativos à formatação de um certo tipo de identidade somente possível a partir de vivências geradas por experiências de “afastamento”, “deslocamento” e “mudança”. Nesse sentido, o trabalho na estação de esqui ajudava a reforçar alguns dos estereótipos que traziam consigo e era interpretado como

necessariamente vinculado a uma certa faixa etária e a um determinado “espírito aventureiro” a ela inerente. Do mesmo modo, as oportunidades e empregos gerados naquele circuito eram vistos como temporários também em suas perspectivas de vida, já que muitos diziam ter a intenção de arranjar uma profissão ou emprego mais “sérios” após vincularem-se àquele tipo de atividade. O depoimento de Mary¹⁴ é bastante esclarecedor acerca da “proposta de juventude” daquelas pessoas:

“Sei que isso daqui é temporário! Fazemos isso enquanto somos jovens, para curtir esse momento, conhecer pessoas, viajar para lugares paradisíacos. Mas é só por um tempo. Depois, temos que assumir responsabilidades, voltar à vida normal, viver como adultos...”

Esse tipo de vivência liminar da juventude, portanto, parecia estar em tensão direta com a perspectiva diferenciada do “mundo dos adultos” e com a vida a qual esses jovens tinham a intenção de levar após renegá-la por alguns anos. O discurso que formulavam acerca da provisoriedade daquele tipo de emprego e opção de vida era bastante recorrente, o que, por sua vez, confunde-se com as representações de trabalhadores vinculados a contextos etnográficos similares ao do Okemo.

Bianchi (2000), por exemplo, sugere, a partir de uma etnografia com um grupo que denomina “migrant-tourist workers” – jovens ingleses e alemães que se deslocam de seus países para procurar empregos sazonais nos grandes Resorts do sudeste da Europa –, a emergência de um tipo de deslocamento que conectaria “turismo” e “trabalho” como manifestações híbridas e essenciais na perspectiva de viagem de seus sujeitos de pesquisa. Para o autor, a expansão e exaltação, por parte das “sociedades capitalistas tardias” (termo dele), de um “hedonismo calculado” (URRY, 1995) e do individualismo forjado por processos de consumo abrangentes (BAUMAN, 1994) têm feito emergir formas de deslocamento bastante próprias do “mundo contemporâneo”.

¹⁴ Todos os nomes de informantes utilizados no artigo são fictícios. As entrevistas e o recolhimento de relatos, falas e impressões foram realizados durante a pesquisa de campo entre dezembro de 2005 e abril de 2006. As conseqüentes traduções e transcrições das fitas foram feitas por mim.

No caso particular de sua pesquisa, o autor infere que tais sujeitos podem ser compreendidos como turistas do ponto de vista dos discursos e práticas que adotam frente a seu deslocamento para os Resorts em que vão trabalhar (e se divertir) e como “migrantes” no sentido de serem alijados das melhores posições de trabalho nas sociedades das quais provém – e de buscarem uma conseqüente (re)inserção nestes novos contextos. No caso, a procura por esse tipo de emprego nos Resorts europeus seria uma forma dos jovens evitarem ocupar posições de trabalho desprestigiadas de países que passaram por significativas reestruturações produtivas, ao mesmo tempo em que tentariam não se distanciar de ideais de “juventude” e “mobilidade” difundidos contemporaneamente:

“In this respect it can be argued that they are an outcome of the declining centrality of one’s occupation as a social category and locus of identity on the one hand, and a liberation from the drudgeries of work (and unemployment) associated with their ‘home’ societies on the other” (BIANCHI, 2000: 122).

Da mesma maneira, as representações dos australianos e neozelandeses que estavam no Okemo apoiavam-se em discursos e práticas específicas, muitas delas referenciadas a imaginários de turismo e globalização contemporânea, que aproximam experiências de deslocamento a fontes de “aprimoramento” e “desenvolvimento pessoal” (cf. BIANCHI, 2000; DESFORGES, 2000; MUNT, 1994). Nesse sentido, além da associação entre o “estilo de vida” adotado e um certo período de sua juventude ser uma constante em seus discursos, tais experiências de deslocamento e trabalho eram tidas como oportunidades de obtenção de qualificações pessoais associadas a noções de “flexibilidade”, “aprendizado” e “amadurecimento”¹⁵. A difusão da idéia de um “estilo de vida” mais errante e relacionado à juventude e às viagens relacionava-se, neste caso, a possibilidades potenciais de “desenvolvimento pessoal” e “aprimoramento do caráter”, fazendo com que tais formas de

¹⁵ Alguns autores reforçam a aproximação entre essas experiências contemporâneas de deslocamento e o desenvolvimento de características pessoais por parte de viajantes e turistas. De acordo com Munt (1994), por exemplo, *“moreover, these other post-modern tourisms have begun to be conceived (especially among the new petit bourgeoisie) as embodying personal qualities in the individual, such as strength of character, adaptability, sensitivity or even ‘worldliness’” (MUNT, 1994: 109).*

deslocamento fossem bastante desejadas. O depoimento de Harry deixa transparecer alguns desses aspectos:

“Eu acho que é importante essa experiência quando voltar. Na Austrália (...) há uma coisa assim, as pessoas querem viajar e conferir como é o resto do mundo e, uma vez feito isso, tem uma certa aura de missão cumprida. Não é imprescindível, mas é importante. Então, mesmo que eu morra na cidade em que nasci, pelo menos eu dei uma olhada no resto do mundo. Eu acho que a maioria das pessoas te respeita mais e respeita seu esforço e sua decisão. Mesmo que dê errado, as pessoas vão dizer que você pelo menos tentou e assumiu o risco. Eu acho que isso é uma coisa boa!”¹⁶.

Não há novidade em posicionar a viagem como marca de distinção entre indivíduos e grupos específicos. Para vários contextos e diferentes épocas, as viagens tornaram-se sinônimo de distinção social e foram utilizadas como veículo de obtenção de prestígio e poder locais (cf. ADLER, 1985; MACHADO, 1997; RIBEIRO, 1997). Para os australianos e neozelandeses, todavia, a viagem parecia ser compreendida como uma forma de “desafio” inevitavelmente incorporada à história de suas vidas. Viajar para trabalhar em um país diferente, com leis e costumes distintos, era visto como uma ação simultânea de qualificação e aprendizagem. Em conjunto com essa perspectiva, coexistiam ainda concepções de “mundo” e “fronteira” bastante particulares. Além do fato de “conferir como é o resto do mundo” ter, no caso daqueles jovens, uma conotação diretamente vinculada ao caráter pessoal – segundo a fala de Harry, “as pessoas te respeitam mais por isso” – “dar uma olhada no resto do mundo” significava conhecer parte dos Estados Unidos e/ou de alguns poucos países da Europa ocidental. A idéia de mundo, neste caso, além de bastante

¹⁶ Não resisto aqui a uma aproximação crítica da fala de Harry ao comentário feito por Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos* acerca dos exploradores e viajantes da segunda metade do século XX: “Ser explorador, agora, é um ofício; ofício que não consiste, como se poderia acreditar, em descobrir, ao cabo de anos de estudos, fatos até então desconhecidos, mas em percorrer elevado número de quilômetros e em acumular projeções de fotos, ou animadas, de preferência em cores, graças às quais se encherá uma sala, vários dias seguidos, com uma multidão de ouvintes para quem as trivialidades e as banalidades parecerão milagrosamente transmutadas em revelações, pela única razão de que, em vez de produzi-las em sua terra, seu autor as terá santificado por um percurso de 20 mil quilômetros...” (LÉVI-STRAUSS, 1996: 16).

restrita, remetia a lugares – Ski Resorts e complexos turísticos – não muito diferentes daqueles freqüentados anteriormente pelos jovens “esquiadores” em seus contextos locais.

No caso daqueles trabalhadores temporários, pode-se dizer que suas concepções de “fronteira”, “juventude”, “trabalho” e “viagem” estavam, de certa forma, interligadas e relacionadas às representações mais abrangentes de sua experiência de deslocamento nos Estados Unidos. Talvez seja este o motivo do grupo de australianos e neozelandeses do Okemo ter uma identificação bastante particular com aquele tipo de atividade laboral¹⁷. O próprio trabalho naqueles empregos tinha um certo espaço na constituição de sua experiência e não podia ser tido como distante de seus interesses. Aliás, antes dos mesmos surgirem como algo desagradável ou como um mal necessário, eram interpretados como atraentes, em oposição aos “empregos de escritório” a que alguns dedicavam-se antes de participar daquelas posições relacionadas às atividades de inverno. O relato de Andrew, a seguir, demonstra a centralidade dessa experiência de trabalho nos Resorts de esqui e o “bom” relacionamento que tinha com aquele tipo de profissão:

“Eu gosto muito desse tipo de profissão, de trabalhar do lado de fora. O vento batendo no rosto, você sentindo a natureza. Apesar de ganhar muito mais nos empregos de escritório, esse tipo de trabalho é bem mais atraente. É um trabalho físico, pesado. Mas você se sente bem de chegar em casa à noite e saber que venceu o frio e os inconvenientes e cumpriu sua missão. E ajudou a colocar isso daqui para funcionar!”.

A atração pelo “aspecto físico” daquele tipo de trabalho era constantemente contrastada com a imobilidade dos “empregos de escritório” ou fábricas a que alguns dedicavam-se antes de trabalhar com atividades relacionadas aos Ski Resorts. A adesão aos empregos na neve significava, para alguns, uma interação “positiva” com o frio e com a

¹⁷ No Okemo, eles trabalhavam como “lift operators”, “groomers” e “snowmakers”. Os “lift operators” eram responsáveis pela segurança dos esquiadores na entrada e saída dos teleféricos, devendo parar o mesmo em caso de incidente e sendo responsáveis por acionar a equipe de primeiros socorros em casos de acidentes mais graves. Os “groomers” trabalhavam durante a noite dando forma às pistas e aplainando seus buracos e ondulações. Os “snowmakers”, por seu turno, eram responsáveis por criar a neve da estação de esqui, trabalhando durante as noites frias e circulando com motos de neve – “snowmobiles” – para ligar e desligar as grandes mangueiras de água espalhadas ao longo das principais pistas do Resort.

realidade física daqueles trabalhos alocados em montanhas isoladas e lugares ermos. A rotina laboral, desse modo, figurava como parte integral do “estilo de vida” que pretendiam adotar durante parte de sua juventude. Trabalhar no frio, integrando a equipe que “colocava o Rersort para funcionar”, era tido pelos australianos e neozelandeses como algo positivo, além de ser uma experiência que os parecia preencher internamente.

Neste caso, tal como sugeriu Bianchi (2000) para os grupos de “migrant-workers” europeus por ele estudados, o trabalho parecia ser vivido não como uma necessidade desagradável ou como um pré-requisito necessário para terem acesso a outras experiências relacionadas ao lazer e ao turismo, mas como uma atividade importante em si mesma e constitutiva do tipo de experiência desejada:

“Whereas work was an ‘unpleasant necessity’ for Cohen’s drifters, it is central to the experience of migrant tourist-workers not merely to facilitate onward travel, but as something which is fulfilling in itself. Thus the balance is shifted away from the hippie mythology of drifting, to something much more purposive and calculating” (BIANCHI, 2000: 124).

A interpretação dos australianos e neozelandeses diante das atividades laborais realizadas no Okemo passava, portanto, pela relativa centralidade ocupada pelas mesmas em sua perspectiva de deslocamento. Nesse sentido, as atividades de trabalho exercidas tinham, muitas vezes, um caráter de “vivência” e “aprendizado”. A relação positiva que muitos mantinham com as atividades de trabalho desempenhadas nas posições externas confundia-se, por sua vez, com uma apreensão estética da paisagem bastante relacionada ao “olhar do turista” diante da estação de esqui. Nesse sentido, a experiência de trabalho pesado no frio não era necessariamente contada como alguma coisa sofrida. Pelo contrário, o fascínio pelo lugar, que articula essa dimensão híbrida entre trabalho e turismo, era tida como ancoradouro do sentido dado por muitos australianos e neozelandeses a sua experiência em Vermont.

A neozelandesa Karine escreveu, nos últimos dias de trabalho, um poema bastante ilustrativo a respeito dessa centralidade ocupada pelo trabalho em sua experiência de deslocamento. Nele, apreende-se o fascínio da jovem pelo local onde trabalhou durante a

temporada 2005/2006 – a face sul da montanha, que dá título ao poema – e a associação daquele tipo de lugar aos signos “positivos” vinculados aos esportes de inverno. Apesar de desgastada em função da maneira pela qual os supervisores do Okemo tratavam os trabalhadores estrangeiros naquele tipo de emprego – o que será problematizado em seguida –, ela não escondia o fascínio pelo local. Seu poema é importante justamente por salientar a ambigüidade da interpretação de uma rotina de trabalho cansativa e repetitiva – que se reflete em sua vontade de partir, mas que proporciona o contato com um tipo de ambiente por ela procurado a partir da inscrição no “Guestworker Program” norte-americano:

Ode to Southface

*Oh dear Southface
How you rock
But no no no. I won't play
The rock
Only the jazz and the blues
Oh dear Southface
It will be great to leave
No mor Ludlow
No more Shaws¹⁸
And Pleasant St.¹⁹ was pleasant
But no more
Oh dear snow
You did not show
That made it shit
Please no no no no more
3 days to go and I can't
Take no more*

O local de trabalho de Karine ganha nome próprio e status de pessoa em seu poema, sendo o mesmo endereçado à “Southface”. Quando estava trabalhando, ela dizia que vinham uns homens fortes trajando roupas estilizadas e esquis profissionais, paravam e gritavam: - Rock South Face! E que isso a fazia sentir-se bem e se enxergar como parte do

¹⁸ “Shaws” é o pequeno supermercado da cidade de Ludlow.

¹⁹ “Pleasant Street” se refere à rua onde ficava a “moradia dos instrutores australianos”, onde Karine residia.

funcionamento daquela montanha. A identificação que a neozelandesa tinha com a face sul do Okemo revela-se, pois, de uma maneira carinhosa e subjetiva, mesmo que seu poema diga que ela já não aguenta permanecer muito mais tempo por lá. A ode também faz referência às rádios e tipos de música que podia escolher para tocar durante o dia de trabalho. O poema é interessante justamente por mostrar uma concepção integrada de sua experiência como trabalhadora e viajante em Vermont, ao mesmo tempo em que denuncia parte de sua insatisfação com as condições de trabalho no Okemo.

De fato, o trabalho nas posições externas do Resort era extremamente desgastante em decorrência do frio, das exigências do empregador e das atividades físicas pesadas e repetitivas demandadas pelo emprego. Nos finais de semana e feriados, a rotina começava às seis da manhã e terminava às dezessete horas. O horário de almoço era de, no máximo, meia hora e dependia do movimento de turistas do Resort, além do número de empregados ser bastante reduzido, o que acarretava em um esforço excessivo por parte trabalhadores estrangeiros. O trabalho também era duplamente cansativo, já que, além das atividades físicas a ele inerentes, contava com a exposição dos jovens a um clima austero e choques térmicos resultantes de deslocamentos entre ambientes frios e quentes.

Ainda assim, muitos australianos e neozelandeses não pareciam se importar em aderir àquelas atividades, já que, fazendo isso, ficavam mais próximos da rotina vinculada propriamente à estação de esqui e às atrações turísticas proporcionadas pela mesma. Alguns colegas australianos e neozelandeses trabalhavam inclusive com acessórios de esqui e “snowboarding” para poderem descer a montanha praticando os esportes ao final do expediente. A rotina de trabalho agregava, desse modo, um conjunto de outros valores à sua experiência e os vinculava ao dia a dia da estação de esqui, através do contato com o clima, com os outros esquiadores e com acontecimentos vinculados à estação. O recrutamento do Okemo na Austrália e Nova Zelândia, por sua vez, parecia incorporar de forma bastante eficaz essas diferentes imagens e discursos relacionados ao tipo de vivência procurada pelos jovens australianos e neozelandeses. Alguns dos supervisores do Okemo vão anualmente à Austrália e à Nova Zelândia e oferecem, em palestras de contratação, as condições para que os jovens continuem a praticar o esporte que gostam, tendo, ainda, a oportunidade de fazê-lo conhecendo um outro país.

Deste modo, o Okemo angaria trabalhadores com uma responsabilidade notável, além dos mesmos terem a experiência de pelo menos uma temporada nas posições em que vinham a ocupar no complexo²⁰. Trata-se, pois, de uma mão-de-obra bem mais atraente para o empregador do que a mão-de-obra local devido, justamente, à identificação desses jovens com as atividades que exercem e à experiência prévia de trabalho em Ski Resorts de seus países, além do fato de terem um vínculo extremamente flexível e uma condição de maior subordinação frente ao empregador.

No que concerne a este último aspecto, vale lembrar que o visto de permanência H-2B que os trabalhadores australianos e neozelandeses portavam era um dos principais fatores a proporcionar tal condição de subordinação. O visto H-2B confere total discricionariedade ao empregador com relação ao status do participante no “Guestworker Program”, já que, neste caso, o empregador passa a ser concomitantemente o patrocinador da estada do trabalhador temporário que se submete ao visto. A ocorrência desse tipo de vínculo já foi comentada como problemática em outros trabalhos e para outros contextos (RUHS, 2002; GRIFFITH, 1986, 2006; OLIVEIRA, 2006). A vinculação do visto ao emprego do “guestworker” pode coibi-lo de forma significativa se o mesmo toma alguma atitude contra prejuízos sofridos ou injustiças a que tenha sido submetido. Este foi, de fato, o resultado de algumas situações de exploração vividas por trabalhadores australianos e neozelandeses no Okemo.

Apesar daqueles jovens incorporarem os discursos positivos relacionados a seu deslocamento e inserção em terra estrangeira, as limitações do Programa de Trabalho Temporário relacionado ao visto H-2B vieram à tona em momentos de maiores exigências ou excesso de atribuições por parte do empregador. Andrew e Harry, por exemplo,

²⁰ Os australianos e neozelandeses contratados para trabalhar nos teleféricos só tinham as taxas consulares relativas à obtenção do visto H-2B custeadas pelo Okemo. Para cada visto H-2B expedido pelo departamento de imigração, o Resort desembolsava cerca de seiscentos dólares para o Estado. Os demais gastos com a viagem ficava a cargo dos próprios empregados, que pagavam cerca de dois mil e quinhentos dólares pelo bilhete aéreo e setecentos dólares pelo seguro de aluguel da “Harison House”. Com salários de cerca de mil e duzentos dólares mensais pagos pelo Resort – sete a oito dólares por hora – a esses trabalhadores, fica realmente difícil compreender a procura por esse tipo de trabalho como uma simples alternativa de emprego ou como uma opção de imigração. As motivações relacionadas à prática dos esportes de neve e à viagem internacional eram, deste modo, mais coerentes com as concepções que sustentavam sobre esse tipo de deslocamento internacional do que qualquer motivação relacionada à permanência nos Estados Unidos por razões financeiras. Sabendo captar isso, o setor de Recursos Humanos do complexo tinha acesso a essa atraente mão-de-obra de forma bastante satisfatória.

insistiram em lembrar, ao final da temporada, que haviam trabalhado mais do que supunham ter que fazê-lo e que pelo fato de não terem tido ajuda e um tempo de lazer suficientemente expandido para realizarem as demais atividades que haviam planejado, estavam bastante insatisfeitos com a viagem. Tanto Andrew quanto Harry comentaram ter machucado as costas durante o trabalho devido ao excesso de afazeres e à falta de companheiros e ajuda nos teleféricos. Ao narrar como se machucou, Harry contou do enfrentamento que teve com o supervisor direto e de sua respectiva rudeza e falta de compreensão:

“Teve um dia que trabalhei sozinho e machuquei minhas costas (...) Então, David (supervisor) disse que éramos um tipo de trabalhador fraco que eles jamais tinham tido e eu disse que se continuassem a colocar só uma pessoa no teleférico o dia inteiro, era isso que iria acontecer. Eu fui e paguei uma massagem com o meu dinheiro. Eu não iria para uma massagem de outro jeito, só fui lá porque estava doendo demais. Não era divertido, doía como merda (...) E acho que eles não gostaram e parecia que eu estava sendo... que eu estava sendo... fraco por ter uma lesão nas costas... e eles dizem e intimidam você para trabalhar duro. E até hoje minhas costas doem e ainda estou machucado, mas não vou trabalhar no “Carpet”²¹ para alguém dizer que sou fraco. Porque não é verdade, eu trabalho o mais duro que posso... e eles fazem isso porque não têm gente (...) e porque somos estrangeiros, fica mais fácil ameaçar!”.

Essa dura rotina no Okemo era frequentemente contrastada, em suas falas, ao tratamento dispensado pelos Resorts Australianos de onde haviam sido recrutados. Apesar de também comentarem que o trabalho nestes lugares era pesado e exigente, eles diziam que havia um grupo maior de ajudantes e que todos eram bastante dedicados, em oposição aos locais norte-americanos. Deste modo, apesar da conotação aparentemente “positiva” do trabalho desempenhado por esses jovens e das representações criadas em torno de seu

²¹ O “carpet” é um mini-teleférico para crianças. Nele, o operador não precisa fazer muito esforço para embarcá-las. No caso de alguns teleféricos mais antigos - como esse em que Harry trabalhava -, o operador precisa segurar uma pesada cadeira para que o turista embarque sem grandes incidentes. O movimento repetitivo de segurar a cadeira é bastante desgastante e deveria ser feito por um conjunto de trabalhadores. Devido à falta de mão-de-obra, no entanto, muitos Australianos eram obrigados a trabalhar sozinhos durante um dia inteiro nessas máquinas, com um intervalo mínimo de almoço.

deslocamento, muitos deles acabavam se deparando, no Okemo, com formas de exploração bastante efetivas ou com situações que faziam transparecer sua real condição de “guestworkers” nos Estados Unidos.

Assim, fazia-se patente um tipo de contradição entre a procura por errância e experiências aventureiras por parte dos jovens e a imposição de uma rotina de trabalho dura e exigente pelo Resort. Apesar de não necessariamente contraditórias em suas representações, havia, assim, uma oposição entre seus projetos de “livre errância” e “vinculação empregatícia através de um ‘Guestworker Program’ oficial”. De um lado, figurava a busca pelo lúdico e por uma proposta de juventude que englobasse experiências dionísicas e de desprendimento, enquanto, de outro, existia um controle e regulação efetivos de suas pretensas aventuras através de um vínculo empregatício nada confortável.

As contradições entre este projeto lúdico e errante dos australianos e neozelandeses e seu real vínculo empregatício nos Estados Unidos também puderam ser apreendidas a partir de situações que envolveram representações dissonantes entre trabalhadores e Estado. Um acontecimento com um grupo de jovens “snowmakers” australianos na fronteira do Canadá com Vermont foi, neste caso, bastante emblemático. Esse grupo de trabalhadores teve sua entrada no Canadá negada pelas autoridades canadenses. Isso se deu porque o visto H-2B não permitia a permanência dos trabalhadores nos Estados Unidos se eles não estivessem trabalhando. Tal diretriz legislativa conferia algumas restrições aos planos de “viagem” e “aventura” daqueles jovens nos Estados Unidos, o que os levou a adotarem a estratégia de entrarem no Canadá e retornarem para os EUA com o visto de turista. Ao fazerem isso, eles seriam “reclassificados” pelo Estado norte-americano, podendo permanecer por mais tempo no país e conseguir, assim, uma maior flexibilidade para conciliar seus planos de trabalho e viagem. No entanto, como as autoridades canadenses desconfiaram de sua intenção de visitar o país, eles tiveram seus vistos negados e foram obrigados a deixar às pressas os Estados Unidos, retornando imediatamente à Austrália.

Esse pequeno “drama” vivido pelo grupo de australianos deixou aparente o fato da classificação oficial de seu status em terra estrangeira se distinguir de suas representações com relação ao tipo de viagem que faziam. De acordo com suas representações, além de trabalhadores, eles eram jovens recrutados para uma “experiência internacional” que

associa-se a um projeto de juventude específico e que se apropria de estratégias de inserção nos nichos do mercado de trabalho sazonal norte-americano para ser realizada. Ocorre que, neste caso, o Estado receptor reconhecia-os como trabalhadores temporários de “baixa qualificação” (visto H-2B) e, a partir de um “incidente” na fronteira canadense, fica evidente um certo confronto entre sua lógica de “caçadores de aventuras e emoções” (BAUMAN, 1998) e a lógica de controle do Estado norte-americano sobre seus movimentos e ações. Sem poderem recorrer a nenhuma outra instância ou serem reconhecidos de outra forma, a única alternativa possível para sua situação, no caso, foi o caminho de volta para a Austrália.

Esse tipo de contradição vivenciada na prática não negava, no entanto, a associação dos aspectos anteriormente elencados e relativos à experiência de trabalho e deslocamento daqueles sujeitos. Seus projetos de errância e aventura e a vinculação empregatícia ao Okemo podiam ser compreendidos em uma chave ora contraditória, ora conciliatória. Se, por vezes, alguns eventos ou condições de trabalho faziam nublar uma perspectiva “positiva” diante da atuação naquele tipo de emprego sazonal, a “experiência” que almejavam parecia estar em plena consonância com a procura pelos empregos ligados aos esportes radicais de inverno, com os estereótipos de juventude os quais buscavam se aproximar e com a perspectiva de deslocamento que partilhavam.

As estratégias do Okemo para a captação daqueles trabalhadores estrangeiros relacionavam-se, por sua vez, ao tipo de perspectiva e proposta a que os jovens aderiam a partir de seus contextos australiano e/ou neozelandês. Ao oferecerem a oportunidade daquele tipo de “experiência” em terra estrangeira, os recrutadores conseguiam captar os interesses difusos daquelas pessoas, de forma a terem acesso a um tipo de trabalhador demasiado atraente. Nesse sentido, as representações de empregador, trabalhadores temporários e Estado eram, por vezes, cruzadas, o que fazia com que o sentido de concepções de “juventude”, “trabalho temporário”, “fronteira” e “mobilidade” fosse constantemente disputado no dia a dia do Resort. A breve apresentação de algumas das estratégias e representações desses distintos atores no contexto etnográfico do Okemo, bem como de seus cruzamentos e articulações, sugere, pois, que as discussões

“megaconceituais”²² arroladas sobre “trabalho temporário”, “migrações internacionais”, “flexibilização do trabalho” e “globalização” tendem a se aprimorar bastante quando abordadas pela via etnográfica. Sobre esta assertiva, temos algumas palavras finais à guisa de conclusão.

Abordagem etnográfica do Okemo como contribuição às “macro-análises” sobre o deslocamento internacional de trabalhadores na globalização contemporânea

De acordo com Clifford Geertz (1978), a força e vitalidade do método etnográfico baseiam-se em uma relação sensível e íntima dos pesquisadores com os conceitos e idéias relacionados a seus contextos e sujeitos de pesquisa. De fato, a apresentação conjunta das teorias “macro-analíticas” acerca da (re)consideração dos “Guestworker Programs” na conjuntura norte-americana contemporânea em um contexto etnográfico específico deixa entrever a multiplicidade de sentidos que ganha uma certa política de Estado no dia a dia daqueles que dela participam. Os australianos e neozelandeses do Okemo nos fazem pensar não somente de forma concreta sobre os conceitos de “flexibilização do trabalho”, “mobilidade”, “deslocamento”, “juventude”, “turismo”, “globalização”, mas, o que é mais importante, com ou através de tais conceitos²³.

É fato que o crescimento acelerado do Okemo na última década mantém uma relação íntima com a adoção dos “Guestworker Programs” pelo complexo e com o contexto de crescente precarização das relações de trabalho vigente no país. O Okemo ocorre em uma determinada conjuntura e figura como um bom representante da grande liberalidade atualmente concedida a um tipo de empregador capaz de recrutar sua mão-de-obra de diferentes maneiras, o que é feito através de vistos que proporcionam, em maior ou menor intensidade, um controle, por parte do Estado e empregador, das atitudes e mobilidades dos estrangeiros contratados. O fácil acesso a esses estrangeiros por parte do Resort, por sua

²² O termo é de Clifford Geertz (1978). Segundo Geertz, “é justamente com essa espécie de material produzido por um trabalho de campo quase obsessivo de peneiramento, a longo prazo, principalmente (embora não exclusivamente) qualitativo, altamente participante e realizado em contextos confinados, que os **megaconceitos** com os quais se aflige a ciência social contemporânea (...) podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que possibilita pensar não apenas realista e concretamente sobre eles, mas, o que é mais importante, criativa e imaginativamente com eles”.

²³ A referência é explícita à fala de Geertz arrolada na nota anterior.

vez, representa a efetivação de alguns discursos de “flexibilidade”, “controle”, “competitividade” e “globalização” bastante em voga, bem como a derrocada dos direitos trabalhistas conseguidos a duras penas ao longo do século XX.

O empreendimento etnográfico permite, todavia, captar, em conjunto com essa reestruturação do trabalho atualmente em curso, toda uma gama de representações por parte dos próprios trabalhadores envolvidos no processo. Desse modo, a análise empreendida serve, simultaneamente, como contribuição e contraponto às discussões “macro-analíticas” acerca da mobilidade de trabalhadores estrangeiros na globalização contemporânea, ao trazer à tona não somente as estratégias de um empregador capaz de lançar seus tentáculos em outro continente para capturar um tipo de “trabalhador ideal”, mas as idéias que esses próprios jovens formulam a respeito de seu deslocamento internacional. A articulação entre essas concepções é, como vimos, recheada de ajustes e contradições, algumas delas aqui demonstradas.

Os australianos e neozelandeses contratados pelo Okemo vinculavam aquela experiência de trabalho e viagem a outros elementos importantes de suas vidas, como um determinado “projeto de juventude” ou um certo “estilo de vida” almejado. Eles relacionavam-se passionadamente com aquele tipo de emprego temporário e narravam a experiência no Okemo na chave da “errância” e da busca por um determinado tipo de “experiência”. O trabalho nas posições de inverno, por sua vez, tinha uma certa centralidade na constituição de suas trajetórias e identidades e era utilizado para afirmar um ideal de vida provisória relacionado à juventude. Ironicamente, os ideais de juventude prolongada, “aprimoramento pessoal” e vida errante daqueles sujeitos utilizavam sua própria exploração do trabalho na neve como uma forma de realização. Seu projeto de juventude pode, assim, ser concebido na chave de um alto grau de alienação, incentivado justamente por concepções de “flexibilidade” e “desprendimento” difundidas nos mais diferentes meios contemporâneos.

Ao problematizar a maneira como esses estrangeiros lidavam com aquela experiência de migração sazonal, a etnografia aportou, ainda, em uma realidade de difícil apreensão através de um arsenal teórico que segmenta e dissocia concepções de “trabalho”, “migração” e “turismo”. Isso porque, nas representações daqueles trabalhadores

temporários do Okemo, era exatamente a indissociabilidade de tais conceitos o que dava sentido e fundamento à sua experiência nos EUA. Novamente, o caráter etnográfico desta abordagem permite um avanço significativo, já que aponta a fragilidade de alguns “megaconceitos” estabelecidos para lidar com espaços como o Resort. Na experiência daqueles sujeitos, os conceitos de “fronteira”, “migração”, “mobilidade”, “trabalho temporário” e “juventude” eram, muitas vezes, intercambiáveis e polissêmicos. O sentido dado pelos agentes àquela experiência de trabalho transbordava a simples caracterização da mesma enquanto uma forma de exploração, embora seja esta uma constatação indubitável.

As interpretações sociológicas feitas sobre a inserção de mão-de-obra estrangeira nos EUA através destes Programas de Trabalho Temporário tendem, justamente, a enfatizar questionamentos e explicações “megaconceituais” relativos às transformações da sociedade norte-americana e de seu mercado de trabalho. Embora essas análises sejam, de fato, uma base explicativa coerente para a compreensão de alguns fenômenos relacionados à precarização do trabalho e à (re)consideração dos “Guestworker Programs” na atual conjuntura do país, o que tentei aqui foi evidenciar os significados da experiência de migração sazonal de um grupo específico em um contexto etnográfico determinado.

Ao fazer isso, fica nítido que algumas generalizações abrangentes acerca de “mobilidade” e “trabalho” na globalização contemporânea perdem um pouco do sentido. O estudo de caso mostra como é impreciso teorizar sobre “mobilidade” em um sentido genérico, ainda mais quando se dissocia o fenômeno do deslocamento humano de saberes locais e concepções particulares. Nesse sentido, reafirmamos a opção por uma perspectiva analítica que problematiza o significado das diferentes formas de deslocamento humano decorrentes da globalização contemporânea a partir de estudos histórico-etnográficos bem pautados. A escolha por apresentar aqui as representações diversas desses jovens da Oceania diante de sua experiência de trabalho e deslocamento para os Estados Unidos pode ser compreendida, assim, como uma tentativa de subverter um tipo de análise que, embora relevante, acaba se tornando refém de sua pretensa abrangência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADLER, Judith. "Youth on the road – reflections on the history of tramping" in *Annals of Tourism Research*, Vol. 12, pp. 335-354, 1985.
- BAUMAN, Z. "Modernity and Ambivalence" in *The Polity Reader in Social Theory*. Cambridge, Polity, 1994.
- BAUMAN, Z. "Turistas e Vagabundos" in *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- BERGSTROM, O. & STORRIE, D. *Contingent Employment in Europe and the United States*. Edward Elgar Publishing, 2003.
- BIANCHI, Raoul V. "Migrant tourist-workers: exploring the 'contact zones' of post-industrial tourism" in *Current Issues in Tourism*, vol. 3, no. 2, 2000.
- BRIGGS Jr., Vernon M. "The 'Albatross' of immigration reform: temporary worker policy in the United States" in *International Migration Review*, Vol. 20, n°. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 995-1019, 1986.
- BRIGGS Jr., Vernon M. "Guestworker Programs – Lessons from the past and warnings for the Future" in *Journal of the Center for Immigration Studies*, March, 2004.
- CAETANO da SILVA, Eduardo. *Visões da diáspora portuguesa: dinâmicas identitárias e dilemas políticos entre os portugueses e luso-descendentes de São Paulo*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.
- CALAVITA, Kitty. *Inside the state: the bracero program, immigration and the I.N.S.* New York, Routledge, 1992.
- CALAVITA, Kitty. "U.S. immigration and policy responses: the limits of legislation" in Cornelius, W.; Martin, P.; Hollifield, J. *Controlling Immigration: a Global Perspective*. Stanford, Stanford University Press, 1994.
- CASTLES, Stephen. "The Guest-Worker in Western Europe – An Obituary" in *International Migration Review*, Vol. 20, n°. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 761-778, 1986.
- CASTLES, Stephen. "Guestworker in Europe: A Resurrection?" in *International Migration Review*, Vol. 40, n°4, pp. 741-766.
- COHEN, Eric. "Nomads from affluence: notes on the phenomenon of drifter tourism" in *International Journal of Comparative Sociology*, vol. 14, pp. 89-103, 1973.
- CUNNINGHAM e HEYMAN, "Introduction: mobilities and enclosures at borders" in *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol.11, n° 3, 2004.
- DESFORGES, Luke. "Travelling the world – identity and travel biography" in *Annals of Tourism Research*, Vol. 27, No. 4, pp. 926-945, 2000.
- DIAS, Guilherme Mansur. *Experiências de trabalho temporário nos Estados Unidos: uma abordagem etnográfica do Okemo*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade

Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

FANTASIA, Rick. “Despotismo no trabalho e dessindicalização” in *Repensar os Estados Unidos: por uma sociologia do superpoder*. Lins e Wacquant (Orgs.), Campinas, Papirus, 2003.

FELDMAN-BIANCO, Bela. “Brazilians in Portugal, Portuguese in Brazil: Cultural Constructions of Sameness and Difference” in *Identities: Global Studies in Culture and Power*, Estados Unidos, v. 8, p. 607-650, 2001(a).

FELDMAN-BIANCO, Bela. “Colonialism as a Continuing Project: The Portuguese Experience”. *Identities: Global Studies in Culture and Power*, Estados Unidos, v. 8, p. 477-482, 2001(b).

FELDMAN-BIANCO, Bela. “Entre a ‘fortaleza da Europa’ e os laços afetivos da irmandade luso-brasileira: um drama familiar em um só ato” in Bastos, C, Vale de Almeida, M. e Feldman-Bianco, B. (orgs.) *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa, ICS, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 385-415, 2002.

GAMBOA, Erasmo. “Braceros in the pacific northwest: 1987. laborers in the domestic front: 1942-1947”. *Pacific Historical Review*, 1987, Vol. 53(3), pp. 378-398, 1987.

GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” in *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar Editores S.A., 1978.

GRIFFITH, David. *American Guestworkers: jamaicans and mexicans in the U.S. labor market*. University Park, The Pennsylvania State University Press, 2006.

HAHAMOVITCH, Cindy. “Creating Perfect Immigrants: Guestworkers of the World in Historical Perspective” in *Labor History*, Vol. 44, No. 1, 2003.

HOUSTON, M.F. & MARTIN, P.L. “The future of international labor migration” in *Journal of International Affairs*, Vol. 33, nº 2, 1979.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

LORENTZ, Karen. *Okemo: all come home*. Montpelier, S/Ed., 1996.

MACHADO, Igor J. de Renno. *Dias em Movimento: espaço e poder numa “comunidade-dormitório” mineira*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.

MACHADO, Igor J. de Renno. *Cárcere Público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese de Doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003

MARTIN, Philip L. “Guestworkers: Past and Present” in *Factor that Influence Migration: The Binational Study: migration between Mexico and the US*, Texas University, 1998.

MARTIN, Philip L. *Managing Labor Migration: Temporary Worker Programs for the 21st Century*. Geneva, September 2003.

MILLER, Mark. “Introduction” in *International Migration Review*, Vol. 20, nº. 4, Special Issue: Temporary Worker Programs: mechanisms, conditions, consequences, pp. 740-757, 1986.

MUNT, Ian. "The 'other' postmodern tourism: culture, travel and the new middle classes" in *Theory, Culture and Society*, Vol. 11, pp. 101-123, 1994.

OLIVEIRA, Sérgio P. "Sem lenço, sem documento: brasileiros não-documentados em Portugal" in MACHADO, Igor J.R. (Org.) *Um mar de identidades*. São Carlos, Edufscar, 2006.

O'REILLY, Camille C. "From drifter to gap year tourist" in *Annals of Tourism Research*, Vol. 33, No. 4, 2006, pp. 998-1017.

RIBEIRO, Gustavo L. "A corrida por paisagens autênticas: turismo, meio ambiente e subjetividade no mundo contemporâneo" in *Viagens à Natureza: Turismo, Cultura e Ambiente*. Serrano, C. e Bruhns, H. (orgs.). Campinas, Papirus, 1997.

RUHS, Martin. "Labor Immigration Programmes in Germany, 1950-2000", *International Labor Organization (ILO)*, Geneva, 2001a.

RUHS, Martin. "Temporary foreign worker programmes: Policies, adverse consequences, and the need to make them work" in *International Labor Organization (ILO)*, Geneva, 2002.

RUHS, Martin. "The Potential of Temporary Migration Programmes in Future International Migration Policy" in *Global Commission on International Migration*. Geneva, September, 2005.

SANJURJO, Liliana Lopes. *Narrativas do Exílio Argentino no Brasil: Nação, Memórias e Identidades*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.

SANTOS, Gustavo Adolfo P. *Lideranças imigrantes e o Estado Português. Ações e contradições de uma Aliança Lusófona Portugal (1990-2002)*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.

SILVA, Douglas Mansur da. *A Ética da Resistência. Os Exilados Antisalazaristas do 'Portugal Democrático' (1956-1975)*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.